REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA AUTOMEDICAÇÃO: O IMPACTO DA DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE MEDICAMENTOS

THE INFLUENCE OF SOCIAL NETWORKS ON SELF-MEDICATION: THE IMPACT OF THE DISSEMINATION OF INFORMATION ON MEDICATIONS

Ciências da Saúde • 28/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/795718929

Larissa de Almeida[1]

Dreisson Aguilera de Oliveira[2]

RESUMO

A ampliação do uso das redes sociais modificou a forma como informações sobre saúde e medicamentos são acessadas e compartilhadas, permitindo que conteúdos de diferentes origens circulem rapidamente. Objetivou-se analisar a influência das redes sociais na prática da automedicação, considerando a disseminação de informações sobre medicamentos, os fatores associados ao consumo de fármacos sem orientação profissional, os riscos desse comportamento e a contribuição do farmacêutico para o uso seguro e racional de medicamentos. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, com buscas nas bases PubMed, Scientific Electronic Library Online, Biblioteca Virtual em Saúde e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, incluindo publicações de 2021 a 2026 em português, inglês e espanhol. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, 16 estudos compuseram a análise. Os resultados mostraram que as redes sociais podem influenciar a automedicação pela exposição frequente a conteúdos sobre determinados fármacos, pelo compartilhamento de experiências terapêuticas e pela circulação de informações cuja qualidade nem sempre é reconhecida pelos usuários. Os estudos abordaram medicamentos para perda de peso, Ozempic, automedicação relatada em comunidades digitais, desinformação sobre tratamentos e percepção dos usuários acerca de conteúdos enganosos. Concluiu-se que as redes sociais integram os fatores capazes de interferir nas decisões sobre o uso de medicamentos, o que torna necessária a ampliação de estratégias de educação em saúde. O farmacêutico, por meio do acolhimento e da orientação no atendimento, pode esclarecer informações obtidas no ambiente digital e favorecer o uso racional dos fármacos.

Palavras-chave: Automedicação; Redes sociais; Medicamentos; Desinformação em saúde; Uso racional de medicamentos.

ABSTRACT

The expanding use of social media has changed the way information about health and medicines is accessed and shared, allowing content from different sources to circulate rapidly. This study aimed to analyze the influence of social media on self-medication, considering the dissemination of information about medicines, the factors associated with drug use without professional guidance, the risks of this behavior and the contribution of the pharmacist to the safe and rational use of medicines. This is an integrative literature review with a qualitative approach and descriptive character, with searches in PubMed, Scientific Electronic Library Online, Virtual Health Library and Latin American and Caribbean Health Sciences Literature, considering publications from 2021 to 2026 in Portuguese, English and Spanish. After applying the eligibility criteria, 16 studies were included in the analysis. The results showed that social media may influence self-medication through frequent exposure to content about certain drugs, the sharing of therapeutic experiences and the circulation of information whose quality is not always recognized by users. The studies addressed weight-loss medications, Ozempic, self-medication reported in online communities, misinformation about treatments and users' perceptions of misleading content. It was concluded that social media is among the factors capable of interfering with decisions about medicine use, which makes it necessary to expand health education strategies. Through patient reception and counseling, the pharmacist can clarify information obtained in the digital environment and promote the rational use of medicines.

Keywords: Self-medication; Social networks; Medicines; Health misinformation; Rational use of medicines.

INTRODUÇÃO

A automedicação corresponde ao uso de medicamentos por iniciativa própria, sem avaliação prévia de um profissional habilitado para determinar a necessidade do tratamento e acompanhar sua utilização. Essa prática pode envolver medicamentos de venda livre e produtos que exigem prescrição, sendo influenciada por diferentes fatores individuais e sociais. Entre estudantes universitários, o consumo de medicamentos sem orientação profissional tem sido associado ao conhecimento prévio sobre determinados fármacos, à percepção dos sintomas e à facilidade de acesso aos produtos utilizados (Ríos *et al.*, 2024). O acesso crescente a conteúdos relacionados à saúde por meios digitais acrescentou outro componente a esse comportamento, pois as informações sobre doenças, sintomas e tratamentos passaram a circular de maneira rápida entre usuários de diferentes perfis.

As redes sociais modificaram a forma como parte da população busca e compartilha informações relacionadas à saúde. Plataformas digitais permitem que conteúdos sobre medicamentos sejam divulgados por profissionais, instituições, influenciadores e usuários comuns, muitas vezes alcançando um público numeroso em pouco tempo. Nesse ambiente, informações fundamentadas cientificamente convivem com opiniões pessoais, experiências individuais e conteúdos cuja qualidade pode ser difícil de avaliar. Cole *et al.* (2022), ao discutirem o uso das mídias sociais para a divulgação de informações sobre medicamentos no campo das doenças infecciosas, destacam a necessidade de estratégias que

favoreçam o acesso a informações farmacológicas de qualidade nesses espaços.

A facilidade de produção e circulação de conteúdos traz preocupações relacionadas à confiabilidade das informações disponibilizadas. Em revisão sistemática sobre desinformação em saúde nas mídias sociais, Suarez Lledo e Alvarez Galvez (2021) identificaram a presença desse problema em diferentes áreas da saúde, indicando que a prevalência de conteúdos inadequados varia conforme o assunto investigado e a plataforma analisada. A exposição a materiais enganosos pode dificultar a avaliação do que possui respaldo científico.

A percepção dos próprios usuários sobre esse fenômeno também merece atenção. Gaysynsky *et al.* (2024) investigaram como indivíduos percebem a desinformação em saúde nas redes sociais e evidenciaram preocupações relacionadas à presença e aos efeitos dessas informações. Farukuoye e Oyinlade (2024) discutem que as mídias sociais participam da disseminação de desinformação, informações incorretas e infodemias relacionadas à saúde. Durante a pandemia de COVID-19, esse problema adquiriu grande visibilidade e passou a receber maior atenção científica, com crescimento das pesquisas voltadas à circulação de conteúdos falsos ou enganosos nos ambientes digitais (Adebesin *et al.*, 2023).

No campo farmacoterapêutico, a questão torna-se particularmente sensível porque informações encontradas nas redes podem interferir em decisões relacionadas ao uso de medicamentos. Golder *et al.* (2021), ao compararem relatos de efeitos adversos das estatinas presentes nas mídias sociais com dados regulatórios, bases de informações sobre medicamentos e revisões sistemáticas,

demonstraram a relevância de compreender as características das informações farmacológicas produzidas nesses ambientes. A maneira como benefícios, riscos e experiências de tratamento são apresentados pode influenciar a percepção do usuário acerca de determinados medicamentos.

Tinuoye (2025) analisou o papel das mídias sociais nos comportamentos de automedicação entre adultos emergentes nos Estados Unidos. Correia, Soares e Moura (2022) também discutiram a automedicação influenciada pelas redes sociais e abordaram a participação do farmacêutico na prevenção dessa prática. Esses trabalhos indicam que o ambiente digital deve ser considerado na investigação dos fatores relacionados ao consumo de medicamentos sem acompanhamento profissional, especialmente diante da facilidade com que recomendações e experiências pessoais podem ser acessadas e compartilhadas.

Já Sarhan, Schaalan e El Sheikh (2025) investigaram padrões e preditores da automedicação com medicamentos destinados à perda de peso, considerando a influência das mídias sociais e a intervenção farmacêutica. Os autores encontraram associação entre a exposição às mídias sociais e comportamentos relacionados à automedicação nesse contexto, chamando a atenção para a necessidade de orientação adequada sobre o uso desses produtos. A procura por medicamentos para controle do peso representa uma situação em que informações divulgadas digitalmente podem participar da formação de expectativas sobre resultados e influenciar decisões tomadas sem avaliação individualizada.

A investigação evidencia uma questão atual associada à ampla exposição digital de medicamentos que passam a ser conhecidos

por públicos que ultrapassam os grupos inicialmente relacionados às suas indicações terapêuticas. A circulação frequente de conteúdos sobre esses produtos pode despertar interesse pelo consumo e estimular a busca de informações em fontes digitais antes da procura por orientação profissional (Jeljeli *et al.*, 2026).

Koss e Bohnet Joschko (2022) analisaram publicações feitas no Reddit relacionadas à automedicação por pessoas com COVID longa. Os relatos encontrados na plataforma permitiram observar medicamentos e substâncias mencionados pelos usuários em tentativas de controlar sintomas persistentes. Nesse caso, as redes sociais funcionam como espaços nos quais experiências terapêuticas são relatadas e discutidas publicamente, permitindo que outros indivíduos tenham acesso a práticas adotadas sem que as particularidades clínicas de cada pessoa estejam necessariamente contempladas.

A desinformação relacionada a tratamentos pode assumir características específicas conforme o medicamento ou a condição de saúde discutida. Elsherief *et al.* (2024) identificaram mitos e informações incorretas sobre o tratamento do transtorno por uso de opioides em mídias sociais, demonstrando a presença de conteúdos capazes de distorcer conhecimentos sobre alternativas terapêuticas. Westberry, Palmer e Potter (2023), ao revisarem a literatura sobre mídias sociais e desinformação em saúde, reforçam que a circulação desses conteúdos constitui um problema complexo para a comunicação em saúde. O volume de publicações e a diversidade de fontes tornam a avaliação da qualidade das informações uma tarefa que exige atenção às evidências utilizadas para sustentar recomendações e alegações.

A identificação de conteúdos enganosos tem motivado pesquisas voltadas ao desenvolvimento de mecanismos de detecção e estratégias de intervenção. Behnamian *et al.* (2026) investigaram o emprego de modelos de linguagem fundamentados em evidências biomédicas para detectar desinformação sobre produtos de saúde nas mídias sociais. Gram *et al.* (2025), em revisão de escopo, examinaram intervenções direcionadas ao enfrentamento de informações médicas enganosas nesses ambientes. A existência dessas iniciativas demonstra que a qualidade da comunicação digital em saúde envolve questões que ultrapassam a disponibilidade de informações, alcançando a capacidade de reconhecer conteúdos problemáticos e reduzir sua disseminação.

A orientação profissional apresenta relação direta com a promoção do uso adequado dos medicamentos. Correia, Soares e Moura (2022) abordam a atuação do farmacêutico diante da automedicação influenciada pelas mídias sociais, e Sarhan, Schaalan e El Sheikh (2025) incluem a intervenção farmacêutica na análise do uso de medicamentos para perda de peso. A atuação desse profissional pode contribuir para esclarecer dúvidas sobre indicações, formas de utilização e riscos relacionados aos fármacos, sobretudo quando o indivíduo chega ao estabelecimento de saúde influenciado por informações obtidas anteriormente em ambientes digitais.

A investigação dessa temática mostra-se pertinente diante da aproximação entre acesso à informação digital e decisões relacionadas ao consumo de medicamentos. A disseminação de conteúdos sobre tratamentos nas redes sociais pode ampliar o acesso a conhecimentos em saúde, porém a presença documentada de desinformação e de relatos de automedicação exige atenção aos efeitos que essas publicações podem exercer

sobre o comportamento dos usuários. Compreender essa relação pode auxiliar na identificação dos fatores associados ao uso de medicamentos sem orientação profissional e fornecer subsídios para ações de educação em saúde e comunicação farmacêutica direcionadas ao uso seguro dos fármacos.

Assim, questiona-se: de que maneira a disseminação de informações sobre medicamentos nas redes sociais pode influenciar a prática da automedicação e os riscos associados ao uso de fármacos sem orientação profissional? A questão direciona a análise para a relação entre exposição a conteúdos digitais, qualidade das informações disponíveis e comportamento de utilização de medicamentos, considerando evidências recentes sobre automedicação e desinformação em saúde.

O presente estudo tem como objetivo analisar a influência das redes sociais na prática da automedicação, considerando a disseminação de informações sobre medicamentos, os fatores associados ao consumo de fármacos sem orientação profissional e os riscos decorrentes desse comportamento, bem como a contribuição do farmacêutico para a promoção do uso seguro e racional de medicamentos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Automedicação e informação sobre medicamentos no ambiente digital

A automedicação envolve a utilização de medicamentos por iniciativa do próprio indivíduo para tratar sintomas ou condições percebidas, sem que a decisão terapêutica seja necessariamente precedida por avaliação profissional. Esse comportamento pode ser

influenciado pelo conhecimento adquirido em experiências anteriores, pela disponibilidade de medicamentos e pelas informações às quais o indivíduo tem acesso. Entre estudantes, a automedicação permanece presente como prática relacionada a diferentes fatores individuais e contextuais, o que reforça a necessidade de compreender os elementos que interferem nas escolhas relacionadas ao consumo de medicamentos (Ríos *et al.*, 2024).

A influência do ambiente digital sobre a automedicação está relacionada à facilidade com que conteúdos sobre medicamentos podem alcançar diferentes usuários, independentemente da qualidade das informações divulgadas. Essa questão amplia a preocupação com decisões de consumo fundamentadas em conteúdos encontrados nas plataformas digitais, especialmente quando as informações compartilhadas não apresentam respaldo adequado. Ao discutirem essa relação, Correia, Soares e Moura (2022, p. 205) afirmam:

> *A automedicação é um recurso que vem crescendo com o avanço das plataformas digitais, onde informações se propagam com facilidade, mas, que na maioria sem fundamentos, influenciando e favorecendo o uso incorreto de medicamentos. Esta disfunção pode se considerar cultural onde a população utiliza de ervas medicinais, medicamentos e xaropes artesanais para curar e tratar seus ferimentos e sintomas, o que pode ser considerado automedicação. (Correia, Soares e Moura, 2022, p. 205).*

As redes sociais inserem-se nesse cenário por permitirem a produção, o compartilhamento e a rápida circulação de conteúdos

relacionados à saúde. Informações sobre indicações terapêuticas, efeitos adversos, experiências de tratamento e resultados associados ao uso de medicamentos podem ser divulgadas por instituições, profissionais da saúde e usuários sem formação específica. Cole *et al.* (2022) discutem o potencial das mídias sociais para a comunicação de informações de qualidade sobre medicamentos, destacando a necessidade de atenção à confiabilidade do conteúdo disponibilizado nesses espaços. A origem da publicação e a qualidade das evidências utilizadas tornam-se aspectos relevantes quando essas informações são empregadas pelo público para orientar decisões relacionadas à própria saúde.

A circulação de conteúdos sem respaldo científico constitui uma preocupação associada ao crescimento da busca por informações de saúde nas plataformas digitais. Suarez Lledo e Alvarez Galvez (2021), em revisão sistemática, identificaram a presença de desinformação em diferentes áreas da saúde nas mídias sociais. Westberry, Palmer e Potter (2023) também discutem esse fenômeno e suas implicações para a comunicação em saúde. A dificuldade de reconhecer conteúdos imprecisos pode aumentar quando informações científicas, opiniões, experiências individuais e alegações sem fundamentação são apresentadas em formatos semelhantes.

No caso dos medicamentos, essa questão apresenta implicações particulares, pois informações incompletas ou equivocadas podem interferir na percepção dos usuários acerca de benefícios e riscos. Golder *et al.* (2021), ao compararem relatos sobre efeitos adversos das estatinas publicados nas mídias sociais com outras fontes de informação, demonstraram diferenças na forma como experiências relacionadas aos medicamentos podem aparecer nesses ambientes.

Os relatos pessoais possuem características distintas dos dados produzidos por sistemas regulatórios e pela literatura científica, aspecto que precisa ser considerado quando as redes são utilizadas como fonte para decisões terapêuticas.

A relação entre exposição digital e automedicação tem sido identificada de maneira mais direta em pesquisas recentes. Sarhan, Schaalan e El Sheikh (2025) analisaram a influência das mídias sociais sobre comportamentos de automedicação envolvendo medicamentos para perda de peso. Jeljeli *et al.* (2026), ao investigarem o uso de Ozempic entre universitários, também abordaram a participação das redes sociais nesse comportamento. Esses estudos aproximam a comunicação digital das decisões relacionadas ao consumo de medicamentos e indicam que a exposição a determinados conteúdos pode integrar o conjunto de fatores associados à procura e ao uso de fármacos sem acompanhamento adequado.

A discussão sobre automedicação no ambiente digital envolve a qualidade das informações utilizadas pelos indivíduos para tomar decisões sobre medicamentos. O farmacêutico possui atribuições relacionadas à orientação sobre o uso seguro e racional dos fármacos. Correia, Soares e Moura (2022) abordam especificamente sua atuação diante da automedicação influenciada pelas mídias sociais, enquanto Sarhan, Schaalan e El Sheikh (2025) consideram a intervenção farmacêutica ao analisar comportamentos relacionados ao uso de medicamentos para perda de peso. A orientação profissional permite avaliar informações previamente obtidas pelo usuário e esclarecer aspectos relacionados ao emprego adequado dos medicamentos.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvida com o propósito de reunir e analisar produções científicas relacionadas à influência das redes sociais sobre a automedicação e à disseminação de informações de medicamentos em ambientes digitais. A escolha desse delineamento permitiu examinar estudos com diferentes perspectivas metodológicas, contemplando pesquisas sobre comportamento de automedicação, circulação de informações farmacológicas, desinformação em saúde e intervenções voltadas à qualidade da informação divulgada nas mídias sociais.

A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados PubMed, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Foram utilizados descritores e termos relacionados ao objeto da pesquisa nos idiomas português e inglês, incluindo “automedicação”, “redes sociais”, “medicamentos”, “desinformação em saúde”, “informações sobre medicamentos”, “mídias sociais”, “self-medication”, “social media”, “medication information”, “health misinformation” e “drug information”. Os termos foram combinados conforme as características de cada base, com emprego dos operadores booleanos AND e OR para ampliar ou delimitar a recuperação das publicações pertinentes à questão investigada.

Foram considerados estudos publicados entre 2021 e 2026, período estabelecido com a finalidade de concentrar a análise em produções recentes sobre o uso das redes sociais para obtenção e

compartilhamento de informações em saúde. Foram incluídos artigos disponíveis na íntegra, publicados em português, inglês ou espanhol, que abordassem a automedicação, a influência das mídias sociais sobre comportamentos relacionados ao uso de medicamentos, a circulação de informações farmacológicas em plataformas digitais ou a disseminação de desinformação em saúde com possível repercussão sobre decisões terapêuticas. Também foram admitidas revisões que apresentassem contribuição direta para a compreensão do fenômeno estudado.

Foram excluídas publicações duplicadas entre as bases consultadas, estudos cujo conteúdo não apresentasse relação com a questão de pesquisa, trabalhos direcionados exclusivamente a outros aspectos das redes sociais sem associação com informações em saúde e publicações que não permitissem analisar a circulação de informações, a automedicação ou comportamentos relacionados ao uso de medicamentos. Estudos centrados em desinformação foram mantidos quando seus resultados contribuíam para compreender a qualidade, a percepção ou a disseminação de conteúdos de saúde nas mídias sociais.

A seleção das publicações ocorreu por etapas. Inicialmente, os registros recuperados foram avaliados por meio da leitura dos títulos e resumos, buscando identificar sua correspondência com o tema proposto. Os trabalhos considerados potencialmente elegíveis foram submetidos à leitura integral. Nessa etapa, verificou-se a relação entre os objetivos, métodos e resultados de cada publicação e os eixos definidos para a presente revisão. Após a aplicação dos critérios estabelecidos, 16 estudos compuseram o conjunto de referências utilizado para fundamentar a análise.

Os estudos selecionados foram organizados de acordo com autoria, ano de publicação, objetivo, características metodológicas e principais resultados relacionados à temática investigada. A análise ocorreu de forma descritiva e interpretativa, buscando identificar aproximações entre os achados e aspectos recorrentes na literatura. A partir da leitura do material, a discussão foi organizada em cinco eixos temáticos, compreendendo as redes sociais como fonte de informações sobre medicamentos, a disseminação de informações e desinformação, a influência das mídias sociais sobre a automedicação, os riscos relacionados ao uso de medicamentos influenciados por conteúdos digitais e a atuação do farmacêutico diante da desinformação e da automedicação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das 16 publicações selecionadas mostrou que a relação entre redes sociais, informações sobre medicamentos e automedicação envolve diferentes dimensões. Os estudos abordam desde comportamentos diretamente associados ao uso de fármacos sem orientação profissional até a circulação de desinformação em saúde, a qualidade das informações farmacológicas compartilhadas e as possibilidades de intervenção diante de conteúdos enganosos. Embora as pesquisas tenham sido realizadas em contextos distintos, seus resultados permitem observar que as plataformas digitais passaram a integrar o processo pelo qual muitos indivíduos conhecem medicamentos, compartilham experiências terapêuticas e formam percepções sobre benefícios e riscos relacionados ao tratamento.

A caracterização das publicações incluídas na revisão é apresentada no Tabela 1. Nota-se concentração de estudos publicados nos

últimos anos, com diferentes delineamentos metodológicos, incluindo pesquisas transversais, revisões, análises de conteúdos publicados em plataformas digitais, estudos infodemiológicos e investigações voltadas à qualidade das informações em saúde.

Tabela 1. Caracterização dos estudos incluídos na revisão

Autor e ano	**Objeto principal do estudo**	**Relação com a presente pesquisa**
Golder *et al.* (2021)	Efeitos adversos das estatinas relatados nas mídias sociais e em outras fontes	Informação sobre medicamentos e segurança
Suarez Lledo e Alvarez Galvez (2021)	Desinformação em saúde nas mídias sociais	Frequência e características da desinformação
Koss e Bohnet Joschko (2022)	Automedicação para COVID longa relatada por usuários do Reddit	Compartilhamento digital de práticas de automedicação
Correia, Soares e Moura (2022)	Automedicação influenciada pelas redes sociais	Influência digital e atuação farmacêutica
Cole *et al.* (2022)	Informação sobre medicamentos nas mídias sociais	Qualidade da comunicação farmacológica
Westberry, Palmer e Potter (2023)	Mídias sociais e desinformação em saúde	Circulação de informações enganosas
Adebesin *et al.* (2023)	Desinformação e infodemia durante a COVID-19	Produção científica sobre desinformação digital
Ríos *et al.* (2024)	Automedicação entre estudantes de enfermagem	Comportamentos relacionados à

		automedicação
Elsherief *et al.* (2024)	Mitos sobre tratamento do transtorno por uso de opioides	Desinformação sobre tratamentos
Gaysynsky *et al.* (2024)	Percepções sobre desinformação em saúde	Reconhecimento de conteúdos enganosos pelos usuários
Farukuoye e Oyinlade (2024)	Desinformação, informação incorreta e infodemias	Influência das mídias sociais na circulação de informações
Sarhan, Schaalan e El Sheikh (2025)	Automedicação com medicamentos para perda de peso	Influência das mídias sociais e intervenção farmacêutica
Tinuoye (2025)	Mídias sociais e automedicação entre adultos emergentes	Comportamento de automedicação associado às redes
Gram *et al.* (2025)	Intervenções contra informações médicas enganosas	Enfrentamento da desinformação
Jeljeli *et al.* (2026)	Influência das redes sociais sobre o uso de Ozempic	Automedicação e exposição às mídias sociais
Behnamian *et al.* (2026)	Detecção de desinformação sobre produtos de saúde	Identificação de informações inadequadas

Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base nos estudos incluídos na revisão.

Os trabalhos que investigaram diretamente a automedicação apresentam um ponto particularmente relacionado ao objetivo desta pesquisa. Sarhan, Schaalan e El Sheikh (2025) analisaram comportamentos envolvendo medicamentos para perda de peso e

incluíram a influência das mídias sociais entre os fatores investigados. O estudo ganha relevância diante da exposição crescente de medicamentos associados ao emagrecimento em plataformas digitais, onde experiências individuais, resultados obtidos e formas de utilização podem circular entre usuários sem a mesma contextualização presente em uma orientação profissional. Os autores também abordaram a intervenção farmacêutica, aproximando o problema da prática profissional e da necessidade de orientação diante do uso desses medicamentos.

Jeljeli *et al.* (2026) analisaram a influência das redes sociais sobre o comportamento relacionado ao uso de Ozempic entre estudantes universitários dos Emirados Árabes Unidos. A pesquisa oferece uma perspectiva recente sobre a relação entre exposição digital e interesse por um medicamento que alcançou ampla visibilidade pública. A presença frequente de conteúdos relacionados ao produto nas redes pode contribuir para sua popularização entre indivíduos que passam a conhecê-lo fora do contato direto com profissionais da saúde. Nesse processo, as informações disponíveis digitalmente podem participar da formação de expectativas sobre seus efeitos e influenciar comportamentos relacionados à procura e à utilização do medicamento.

Tinuoye (2025) amplia essa discussão ao investigar o papel das mídias sociais nos comportamentos de automedicação entre adultos emergentes nos Estados Unidos. Embora os contextos populacionais sejam distintos, a aproximação entre esse estudo e o trabalho de Jeljeli *et al.* (2026) evidencia a necessidade de considerar o ambiente digital ao analisar comportamentos relacionados ao consumo de medicamentos entre públicos com contato frequente com redes sociais. A influência não precisa ocorrer exclusivamente

por meio de uma recomendação explícita de uso. O contato recorrente com determinado medicamento, relatos positivos, informações sobre benefícios e experiências compartilhadas podem modificar a forma como o indivíduo percebe aquele produto.

Koss e Bohnet Joschko (2022) observaram outra manifestação dessa relação ao investigarem relatos de automedicação publicados no Reddit por usuários com COVID longa. O estudo utilizou conteúdos compartilhados espontaneamente na plataforma para identificar práticas de automedicação e avaliar sua utilidade para pesquisas relacionadas ao reposicionamento de medicamentos. Os resultados mostram que os ambientes digitais funcionam como espaços de registro e compartilhamento de experiências terapêuticas. Quando essas experiências permanecem publicamente disponíveis, outros usuários podem entrar em contato com relatos sobre substâncias e medicamentos empregados para sintomas semelhantes aos seus.

Essa característica exige cautela porque a experiência terapêutica individual não oferece, por si, elementos suficientes para determinar a segurança ou a adequação de um medicamento para outra pessoa. Condições clínicas, medicamentos utilizados concomitantemente, contraindicações e características individuais interferem na resposta farmacológica. A circulação de experiências pessoais pode adquirir significado diferente quando recebida por usuários que procuram respostas imediatas para sintomas e encontram relatos de pessoas que descrevem situações aparentemente semelhantes.

A automedicação também ocorre em grupos com algum grau de conhecimento em saúde. Ríos *et al.* (2024) estudaram esse comportamento entre estudantes de enfermagem, contribuindo

para demonstrar que o fenômeno não está limitado a indivíduos completamente afastados de informações sobre medicamentos. Esse resultado acrescenta uma dimensão relevante à discussão, pois o conhecimento prévio pode coexistir com decisões autônomas sobre a utilização de fármacos.

Os principais aspectos identificados nos estudos que tratam diretamente ou de forma próxima da relação entre mídias sociais e uso de medicamentos foram sistematizados no Tabela 2.

Tabela 2. Principais resultados relacionados às redes sociais, informações sobre medicamentos e automedicação

Aspecto identificado	**Evidências encontradas na literatura**	**Estudos relacionados**
Influência das mídias sociais sobre a automedicação	Exposição digital aparece associada a comportamentos relacionados ao uso de medicamentos sem acompanhamento adequado	Sarhan, Schaalan e El Sheikh (2025); Tinuoye (2025); Jeljeli *et al.* (2026)
Compartilhamento de experiências terapêuticas	Usuários relatam práticas de automedicação e medicamentos utilizados em plataformas digitais	Koss e Bohnet Joschko (2022)
Informações sobre efeitos dos medicamentos	Relatos disponíveis nas mídias sociais apresentam características próprias quando comparados a fontes regulatórias e científicas	Golder *et al.* (2021)
Desinformação em saúde	Conteúdos falsos, imprecisos ou enganosos são encontrados em	Suarez Lledo e Alvarez Galvez (2021); Westberry, Palmer e

	diferentes temas relacionados à saúde	Potter (2023); Farukuoye e Oyinlade (2024)
Desinformação sobre tratamentos	Mitos e informações inadequadas podem atingir tratamentos farmacológicos específicos	Elsherief *et al.* (2024)
Percepção dos usuários	O reconhecimento e a percepção da desinformação interferem na maneira como conteúdos de saúde são recebidos	Gaysynsky *et al.* (2024)
Qualidade da informação farmacológica	A comunicação digital pode ser utilizada para disponibilizar informações de qualidade sobre medicamentos	Cole *et al.* (2022)
Intervenções contra desinformação	Diferentes estratégias vêm sendo estudadas para reduzir a circulação ou os efeitos de informações médicas enganosas	Gram *et al.* (2025); Behnamian *et al.* (2026)
Atuação farmacêutica	A orientação do farmacêutico aparece relacionada à prevenção da automedicação e ao uso mais seguro de medicamentos	Correia, Soares e Moura (2022); Sarhan, Schaalan e El Sheikh (2025)

Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base nos estudos analisados.

A desinformação constitui um dos pontos recorrentes entre as publicações selecionadas. Suarez Lledo e Alvarez Galvez (2021), em revisão sistemática, avaliaram sua prevalência nas mídias sociais e

verificaram que conteúdos inadequados estão presentes em diferentes áreas da saúde, com variação conforme o tema e a plataforma analisada.

Westberry, Palmer e Potter (2023) discutiram a relação entre mídias sociais e desinformação em saúde a partir da literatura existente, enquanto Farukuoye e Oyinlade (2024) abordaram o papel dessas plataformas na disseminação de desinformação, informações incorretas, conteúdos falsos e infodemias. Os trabalhos convergem ao demonstrar que a comunicação digital em saúde apresenta problemas relacionados à confiabilidade do conteúdo.

O contexto da pandemia de COVID-19 intensificou a atenção científica sobre esse fenômeno. A análise bibliométrica realizada por Adebesin *et al.* (2023) examinou a produção relacionada ao papel das mídias sociais na desinformação e na disseminação de informações falsas durante a pandemia. O período mostrou de maneira particularmente evidente a rapidez com que alegações relacionadas à prevenção e ao tratamento de condições de saúde podem alcançar grandes públicos, ampliando o interesse científico pelas infodemias e pelos efeitos da comunicação digital.

A desinformação pode alcançar tratamentos específicos e interferir na forma como determinados medicamentos são compreendidos. Elsherief *et al.* (2024) identificaram mitos e informações incorretas sobre o tratamento do transtorno por uso de opioides nas mídias sociais. A existência de conteúdos inadequados sobre uma condição que exige acompanhamento especializado demonstra que a problemática ultrapassa recomendações genéricas sobre medicamentos e pode atingir terapias relacionadas a situações

clínicas complexas. Informações equivocadas podem alterar percepções sobre eficácia, segurança e necessidade do tratamento.

Gaysynsky *et al.* (2024) acrescentam a perspectiva dos usuários ao analisarem suas percepções acerca da desinformação em saúde nas mídias sociais. A capacidade de reconhecer a qualidade de um conteúdo torna-se um elemento relevante nesse processo, pois o acesso à informação não significa necessariamente que o indivíduo possua recursos para avaliar sua fundamentação. A apresentação visual, a linguagem utilizada e a familiaridade com quem divulga a mensagem podem participar da forma como o conteúdo é recebido.

As informações sobre efeitos adversos também aparecem de maneira particular nas plataformas digitais. Golder *et al.* (2021) compararam efeitos adversos das estatinas relatados nas mídias sociais com aqueles presentes em dados regulatórios, bancos de informações sobre medicamentos e revisões sistemáticas. A comparação demonstra a necessidade de interpretar com cautela os relatos provenientes das redes. As experiências compartilhadas pelos usuários podem fornecer informações sobre suas percepções.

Esse cenário não significa que as mídias sociais devam ser compreendidas exclusivamente como espaços de informação inadequada. Cole *et al.* (2022) discutem maneiras de aproveitar essas plataformas para a divulgação de informações de qualidade sobre medicamentos no campo das doenças infecciosas. A presença de profissionais qualificados e de conteúdos fundamentados em evidências pode favorecer o acesso público a informações farmacológicas compreensíveis. O problema reside na coexistência

de materiais com níveis distintos de qualidade e na dificuldade de avaliar rapidamente quais fontes apresentam sustentação científica.

A preocupação com essa dificuldade tem estimulado pesquisas sobre formas de identificar e enfrentar conteúdos enganosos. Gram *et al.* (2025), por meio de uma revisão de escopo, analisaram intervenções direcionadas às informações médicas enganosas nas mídias sociais. O estudo demonstra que diferentes estratégias vêm sendo investigadas para responder ao problema. Behnamian *et al.* (2026), por sua vez, abordaram a detecção de desinformação sobre produtos de saúde utilizando modelos de linguagem fundamentados em evidências biomédicas, indicando uma vertente recente de investigação voltada ao reconhecimento automatizado de alegações problemáticas.

A atuação farmacêutica aparece nesse contexto como uma possibilidade de aproximação entre informação científica e decisões individuais relacionadas aos medicamentos. Correia, Soares e Moura (2022) discutem especificamente a atuação do farmacêutico na prevenção da automedicação influenciada pelas mídias sociais. Sarhan, Schaalan e El Sheikh (2025) também consideram a intervenção farmacêutica em sua análise sobre medicamentos para perda de peso. A orientação profissional permite esclarecer indicações, riscos e condições de utilização, especialmente quando o indivíduo procura determinado produto após ter sido previamente exposto a conteúdos digitais.

Acolhimento e educação em saúde no atendimento farmacêutico

Quando o paciente procura a farmácia motivado por um conteúdo visto nas redes sociais, o atendimento no balcão passa a ser o primeiro momento em que aquela informação pode ser avaliada por um profissional. A Lei nº 13.021/2014 define a farmácia como unidade de prestação de serviços destinada a prestar assistência farmacêutica, assistência à saúde e orientação sanitária individual e coletiva (Brasil, 2014). A Resolução nº 585/2013 do Conselho Federal de Farmácia regulamenta as atribuições clínicas do farmacêutico e inclui entre elas a anamnese farmacêutica, a realização e o registro de intervenções farmacêuticas e o suporte ao paciente no processo de autocuidado (Conselho Federal de Farmácia, 2013). Esse respaldo normativo permite que a abordagem ao paciente influenciado por informações digitais seja conduzida como um serviço clínico, com etapas definidas.

O acolhimento corresponde à primeira dessas etapas e depende de uma escuta que não desqualifique, logo de início, aquilo que o paciente trouxe. Perguntar onde a informação foi vista, quem a divulgou, qual problema motivou a procura e qual resultado é esperado permite identificar a necessidade de saúde que originou o pedido. Gaysynsky *et al.* (2024) mostraram que a percepção dos usuários sobre a desinformação interfere na forma como recebem conteúdos de saúde, por isso a perspectiva do paciente precisa ser considerada antes de qualquer correção. Na anamnese, o farmacêutico reúne dados sobre idade, condições clínicas, gestação ou lactação, medicamentos em uso e experiências anteriores com o produto procurado. São justamente esses elementos que tendem a ficar ausentes nos relatos compartilhados nas plataformas, aspecto observado na análise das publicações estudadas por Koss e Bohnet Joschko (2022).

Com essas informações, a alegação vista nas redes pode ser confrontada com as evidências disponíveis sobre indicação, posologia, contraindicações, interações e condição regulatória do medicamento. Nos pedidos que envolvem fármacos sujeitos a prescrição, como os agonistas do receptor do peptídeo semelhante ao glucagon 1 (GLP-1), grupo ao qual pertence a semaglutida presente no Ozempic, a orientação inclui explicar por que a avaliação médica é necessária e realizar o encaminhamento. Essa situação se relaciona diretamente aos achados de Sarhan, Schaalan e El Sheikh (2025) e de Jeljeli *et al.* (2026). Quando a queixa corresponde a um problema de saúde autolimitado, o manejo pode ocorrer na própria farmácia, com seleção de uma alternativa adequada, orientações não farmacológicas e definição de sinais de alerta que indiquem a necessidade de procurar outro serviço de saúde (Conselho Federal de Farmácia, 2016).

A educação em saúde, reconhecida como um dos serviços farmacêuticos destinados ao paciente, à família e à comunidade (Conselho Federal de Farmácia, 2016), completa essa abordagem e pode ser direcionada à capacidade do paciente de avaliar futuras publicações. Gram *et al.* (2025) verificaram que a maior parte das intervenções contra informações médicas enganosas descritas em estudos revisados por pares tinha o consumidor como alvo, buscando fortalecer a alfabetização midiática, apoiar a tomada de decisão ou alertar sobre tendências de desinformação. No balcão, essa proposta pode ser aplicada de forma simples, com orientações sobre como verificar a autoria do conteúdo, desconfiar de promessas de resultados rápidos que não mencionam riscos, observar se existe interesse comercial na divulgação e consultar fontes confiáveis, como a bula e os canais oficiais da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). A linguagem deve ser acessível e respeitosa, pois a

intenção é ampliar a autonomia do paciente nas decisões sobre o próprio tratamento.

O registro do atendimento, previsto entre as atribuições clínicas do farmacêutico (Conselho Federal de Farmácia, 2013), favorece o acompanhamento do caso. Em um retorno do paciente, o profissional pode verificar se as orientações foram compreendidas, se o encaminhamento foi realizado e se surgiram novas dúvidas a partir de conteúdos vistos posteriormente.

Os resultados analisados indicam que a influência das redes sociais sobre a automedicação precisa ser compreendida dentro de um processo mais amplo de circulação e interpretação de informações sobre saúde. Os estudos que abordam diretamente a automedicação mostram associação do comportamento com o ambiente digital em diferentes populações e situações, enquanto as pesquisas sobre desinformação ajudam a compreender a qualidade variável do conteúdo ao qual os usuários estão expostos. A presença de experiências pessoais, recomendações, relatos sobre efeitos e informações imprecisas pode interferir na percepção dos medicamentos e nas decisões tomadas antes do contato com um profissional.

Nesse cenário, a promoção do uso racional de medicamentos passa a envolver também a qualidade da comunicação em ambientes digitais. A orientação farmacêutica permanece necessária diante de usuários que podem chegar ao atendimento com expectativas construídas a partir das redes sociais.

CONCLUSÃO

A análise da literatura permitiu compreender que as redes sociais participam de forma crescente do acesso e do compartilhamento de informações sobre medicamentos, criando um ambiente no qual conteúdos científicos, experiências pessoais, recomendações e informações imprecisas circulam simultaneamente. Essa dinâmica interfere na maneira como determinados fármacos são conhecidos e percebidos pelos usuários.

Em resposta ao problema proposto, verificou-se que a disseminação de informações sobre medicamentos nas redes sociais pode influenciar a prática da automedicação ao favorecer o contato frequente com determinados produtos, ampliar sua popularização e facilitar o compartilhamento de experiências de uso entre os próprios usuários. Os estudos analisados demonstraram essa relação em diferentes contextos, incluindo medicamentos utilizados para perda de peso, Ozempic e práticas de automedicação relatadas em comunidades digitais. A influência observada não se restringe à recomendação direta de um medicamento, pois conteúdos que apresentam experiências individuais, efeitos percebidos e informações sobre tratamentos também podem participar da formação das decisões dos usuários.

As publicações analisadas identificaram conteúdos falsos, imprecisos ou enganosos sobre diferentes questões de saúde e tratamentos, evidenciando dificuldades relacionadas à avaliação da confiabilidade das informações encontradas nas plataformas digitais. No campo dos medicamentos, esse problema merece atenção diante das consequências que uma decisão baseada em informações inadequadas pode produzir.

Os resultados também indicaram que as redes sociais podem ser utilizadas para ampliar o acesso a informações farmacológicas fundamentadas em evidências. A presença de conteúdos qualificados e de profissionais capacitados nesses ambientes representa uma possibilidade de aproximar a comunicação científica das dúvidas que circulam entre os usuários.

A atuação do farmacêutico apresenta contribuição para a prevenção da automedicação e para a promoção do uso racional de medicamentos. A orientação profissional pode auxiliar na avaliação das informações previamente obtidas nas redes sociais, esclarecer dúvidas relacionadas às indicações e aos riscos dos fármacos e reduzir decisões baseadas exclusivamente em experiências compartilhadas no ambiente digital. A educação em saúde desenvolvida por esse profissional também pode alcançar as próprias plataformas, favorecendo a circulação de informações farmacológicas sustentadas por evidências científicas.

No atendimento ao paciente que chega à farmácia influenciado por conteúdos digitais, o acolhimento com escuta qualificada, a avaliação individualizada da demanda, o encaminhamento quando necessário e a educação em saúde voltada à leitura crítica das informações oferecem um caminho para que a dúvida trazida das redes sociais resulte em orientação profissional.

Considerando os estudos reunidos, percebe-se a necessidade de fortalecer estratégias de educação em saúde voltadas à avaliação crítica das informações encontradas nas mídias sociais e ampliar a participação de profissionais qualificados na comunicação digital sobre medicamentos. Pesquisas futuras podem aprofundar essa relação em diferentes grupos populacionais e investigar plataformas

específicas, medicamentos de maior exposição digital e fatores que levam o usuário a transformar uma informação encontrada nas redes sociais em uma decisão concreta de automedicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEBESIN, Funmi *et al.* The role of social media in health misinformation and disinformation during the COVID-19 pandemic: bibliometric analysis. **JMIR infodemiology,** v. 3, n. 1, p. e48620, 2023. Disponível em: https://infodemiology.jmir.org/2023/1/e48620/. Acesso em: 24 ago. 2023.

BEHNAMIAN, Sara *et al.* Detecting Health Product Misinformation on Social Media Using Large Language Models Grounded in Biomedical Evidence. **Information,** v. 17, n. 5, p. 481, 2026. Disponível em: https://www.mdpi.com/2078-2489/17/5/481. Acesso em: 25 ago. 2026.

BRASIL. Lei nº 13.021, de 8 de agosto de 2014. Dispõe sobre o exercício e a fiscalização das atividades farmacêuticas. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, 11 ago. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13021.htm. Acesso em: 16 nov. 2026.

COLE, Kelli A. *et al.* How to harness the power of social media for quality drug information in infectious diseases: perspectives on behalf of the society of infectious diseases pharmacists. **Clinical Infectious Diseases,** v. 74, n. Supplement_3, p. e23-e33, 2022. Disponível em: https://academic.oup.com/cid/article-abstract/74/Supplement_3/e23/6585965. Acesso em: 26 ago. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Resolução nº 585, de 29 de agosto de 2013. Regulamenta as atribuições clínicas do farmacêutico e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, p. 186-188, 25 set. 2013.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. **Serviços farmacêuticos diretamente destinados ao paciente, à família e à comunidade:** contextualização e arcabouço conceitual. Brasília: Conselho Federal de Farmácia, 2016.

CORREIA, Alana Bárbara Martins; SOARES, Sawanny Sousa; MOURA, Michely Laiany V. Self medication influenced by social media: pharmacist's role in the prevention tool. **Health and Society,** v. 2, n. 01, 2022. Disponível em: https://periodicojs.com.br/hs/article/view/665. Acesso em: 27 ago. 2022.

ELSHERIEF, Mai *et al.* Identificação de mitos e desinformação sobre o tratamento do transtorno por uso de opioides nas mídias sociais: estudo de infodemiologia. **JMIR Formative Research,** v. 8, p. e44726, 2024. Disponível em: https://formative.jmir.org/2024/1/e44726. Acesso em: 28 ago. 2024.

FARUKUOYE, Mathew; OYINLADE, Morenike. The influence of social media in fuelling health-related disinformation, misinformation, false information and infodemics. **Journal of Health Information and Librarianship,** v. 7, n. 1 & 2, p. 31-42, 2024. Disponível em: https://johil.org/index.php/johil/article/view/70. Acesso em: 29 ago. 2024.

GAYSYNSKY, Anna *et al.* Perceptions of health misinformation on social media: cross-sectional survey study. **Jmir Infodemiology,** v. 4, p. e51127, 2024. Disponível em:

https://infodemiology.jmir.org/2024/1/e51127. Acesso em: 30 ago. 2024.

GOLDER, Su *et al.* Uma visão comparativa dos efeitos adversos relatados das estatinas nas mídias sociais, dados regulatórios, bancos de dados de informações sobre medicamentos e revisões sistemáticas. **Segurança de medicamentos,** v. 44, n. 2, p. 167-179, 2021. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s40264-020-00998-1. Acesso em: 31 ago. 2021.

GRAM, Emma Grundtvig *et al.* Addressing misleading medical information on social media: a scoping review of current interventions. **BMJ Evidence-Based Medicine,** v. 30, n. 6, p. 420-433, 2025. Disponível em: https://ebm.bmj.com/content/30/6/420.abstract. Acesso em: 01 set. 2025.

JELJELI, Riadh *et al.* Influence of Social Media on Self-Medication Behavior: A Study on Ozempic Use Among Emirati University Students. **International Journal of Environmental Research and Public Health,** v. 23, n. 5, p. 638, 2026. Disponível em: https://www.mdpi.com/1660-4601/23/5/638. Acesso em: 02 set. 2026.

KOSS, Jonathan; BOHNET-JOSCHKO, Sabine. Social media mining of long-COVID self-medication reported by Reddit users: feasibility study to support drug repurposing. **JMIR formative research,** v. 6, n. 10, p. e39582, 2022. Disponível em: https://formative.jmir.org/2022/10/e39582/. Acesso em: 24 ago. 2022.

RÍOS, Norma Beatriz *et al.* Self-medication in nursing students. **SAP Rehabilitation and Sports Medicine,** v. 4, p. 71-71, 2024. Disponível em: https://rsm.southam.pub/index.php/rsm/article/view/88. Acesso em: 25 ago. 2024.

SARHAN, Neven; SCHAALAN, Mona F.; EL-SHEIKH, Azza AK. Padrões e preditores do comportamento de automedicação com medicamentos para perda de peso: uma análise transversal da influência das mídias sociais e do papel da intervenção farmacêutica. **Frontiers in Pharmacology,** v. 16, p. 1606566, 2025. Disponível em: https://www.frontiersin.org/journals/pharmacology/articles/10.3389/fphar.2025.1606566/full. Acesso em: 26 ago. 2025.

SUAREZ-LLEDO, Victor; ALVAREZ-GALVEZ, Javier. Prevalência de desinformação em saúde nas mídias sociais: revisão sistemática. **Journal of medical Internet research,** v. 23, n. 1, p. e17187, 2021. Disponível em: https://www.jmir.org/2021/1/E17187/. Acesso em: 27 ago. 2021.

TINUOYE, Mary. Social Media Role on Self-Medication Behaviors Among Emerging Adults in the United States. **Texas Speech Communication Journal,** v. 49, p. 72, 2025. Disponível em: https://openurl.ebsco.com/contentitem/gcd:187453041?sid=ebsco:plink:crawler-gcd&id=ebsco:gcd:187453041&crl=c&jrnl=03638782. Acesso em: 28 ago. 2025.

WESTBERRY, Christen; PALMER, Xavier-Lewis; POTTER, Lucas. Mídias sociais e desinformação em saúde: uma revisão da literatura. In: **ANAIS DA CONFERÊNCIA DE TECNOLOGIAS DO FUTURO.** Cham: Springer Nature Switzerland, 2023. p. 404-418. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-031-47457-6_26. Acesso em: 29 ago. 2023.

[1] Aluna do Curso de Farmácia do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP-Cruzeiro do Sul).

[2] Orientador, professor do Curso de Farmácia do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP-Cruzeiro do Sul).